

2

O Fascínio da Urbe Moderna: Buenos Aires, a Cidade do Espetáculo Cindido.

Quando o século XX eclodiu em Argentina trouxe consigo inúmeras transformações e as mais diferentes modalidades de progressos técnicos. E, paralelo a estas transformações e desenvolvimentos, havia uma série de questões propriamente humanas, de rupturas e quebra de laços fraternos, que urgiam há muito serem respondidas. No caso deste novo século que então iniciava, no interior daquilo que só mais tarde se saberia como sendo sua turbulenta viagem, os mais recentes aparatos técnicos e invenções, inovações de ampla latitude deram pouca contribuição para resolução dessas questões. Na verdade, poderíamos começar a desdobrar nossa análise desse início de século em Buenos Aires convergindo nossa investigação numa direção marcadamente acusatória. O advento do horror materializado na execução sumária dos indígenas e os desdobramentos para a imposição da cidade de Buenos Aires como capital federal em 1881, representaram de fato, verdadeiro custo humano. Este processo que à luz do tempo deixa a impressão, dada a relativa distância quando comparado com os tempos atuais, de que foi paulatinamente conduzido por si mesmo forneceria materiais eloqüentes para uma análise neste sentido.²

Mas não obstante a importância desses acontecimentos, o que se pretende, é verificar o quanto ao adentrar o século XX buenairense as questões que por razões diversas não foram resolvidas e que, conforme dissemos estavam urgindo para que o fossem, foi se acumulando a outras, o que certamente contribuiu para a exigência de novas sensibilidades. Eventos que, como outras possibilidades de análise já demonstraram, ganham relevância a medida que se percebe que os fatos se desenrolaram numa direção absolutamente fascinante do ponto de vista histórico e

² Para este assunto reporto-me por: DONGHI, T. H., *Historia Contemporânea de América Latina*; BEIRED, J. L., *Breve história da Argentina*; ROMERO, L. A., *Breve História Contemporânea de la Argentina*.

cultural.³ Neste sentido, a escolha da cidade de Buenos Aires após esses relevantes reveses é mais que particular: dada as suas especificidades podemos caracterizá-la como uma cidade marcadamente *sui generis* frente a outras cidades em Argentina, ou como nos diz um geógrafo da cidade portenha Florêncio Escardó:

*Ninguém se apresse a entender o que é uma cidade argentina ou a capital da República. Não; é, sim, a capital dos argentinos e uma cidade do mundo na costa do Prata. Não se parece com nenhuma das capitais da América que encefalizam e miocardizam o país que as contém. Buenos Aires é Buenos Aires; se define, sem enunciação possível, apenas pelo prestígio de sua presença.*⁴

É, pois, neste cenário de singularidade e turbulências, que a palavra vertigem surge com palpável inevitabilidade. Com um mundo passando por um processo de transformação veloz, Buenos Aires, capital Federal da República Argentina, aparece como cidade espetáculo e vai conquistando seu lugar central no território em um país cultural e economicamente periférico. De posse deste diagnóstico desanimador, que, no entanto era (por que não?) passível de sensíveis alterações, ensaia-se a tentativa de inserção do país no concerto das nações mais bem sucedidas do Ocidente. Assim, Buenos Aires funcionaria como materialidade em Argentina e entre suas principais concorrentes na América do Sul como a cidade que estava mais que pronta a fornecer ao submundo do sul do continente o exemplo mais eficaz na produção de estatísticas econômico-sociais que fossem menos tímidas e de caráter mais positivadas.⁵

Um das primeiras grandes transformações por qual passou a cidade portenha data desde muito tempo. Por um esforço de reconstrução histórica poder-se-ia alçá-la desde os tempos mais pretéritos. Último recanto da ingerência espanhola, um antigo e obsoleto porto dava à cidade um aspecto quase místico. De fato, o impulso modernizador que estava na ordem do dia a transformou em um lugar bastante instigante: a exigência de se transformar o espaço físico deu ensejo a uma tradição ambígua com contribuição de diversas comunidades e estilos culturais:

É ademais uma cidade da raça branca e de língua espanhola em uma medida que nenhuma outra cidade do mundo pode reclamar. É uma cidade branca de uma América mestiça. Nela um negro é tão exótico como em Londres (...) Seus

³ O elemento de fascínio e singularidade como outras atribuições usadas para denominar a experiência em Buenos Aires da década de 1920 está marcado em vários estudos sobre a cidade e este período. Ver: SARLO, B., *Una Modernidad Periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*; ESCARDÓ, F., *Geografía de Buenos Aires*.

⁴ ESCARDÓ, F., *Geografía de Buenos Aires*, p.18.

⁵ ROSARIOS, O., *América Latina: veinte repúblicas, una nación*, p. 13.

*homens e suas mulheres não possuem todos a mesma cor nem da pele nem do cabelo, mas são brancos. Isto não constitui um privilégio, sobretudo do ponto de vista decorativo, mas é uma boa possibilidade eugênica.*⁶

Ao longo dos anos, ao contrário dos traços de constância homogênea sublinhados por Florencio Escardó, a cidade crescia granjeando novas cores, esparramada que estava sobre a geografia pampeana que a cercava. O advento da urbe babélica propiciou a perda de sua suposta homogeneidade alva. Com tons cada vez mais crioulo e cosmopolita do ponto de vista racial e étnico, a cidade parecia alheia aos bulícios e sobressaltos causados pelas disputas entre unitários e federalistas, mesmo que fosse dela e em seu interior que se desenrolassem as principais controvérsias sobre o assunto. Por outro lado, embora o geógrafo admita não considerar a brancura da pele dos cidadãos portenhos como um privilégio, assim mesmo deixa transparecer um ar de vaidade quanto a “*uma boa possibilidade eugênica*”. Isto é, conforme Escardó, a homogeneidade que a cidade de Buenos Aires era lugar antes da avalanche modernizadora, estava visível na cútis e nos cabelos dos seus conterrâneos. Mas esta reclamada homogeneidade veio a ser sensivelmente alterada com o advento do processo modernizador. Esta linha de análise, cujo sentido é amplificado nas palavras de Juan Sebreli:

*A rua, de pátio familiar que era, passa a ser terra de ninguém, uma encruzilhada, onde qualquer coisa pode ocorrer a volta de cada esquina. O anonimato assegurado pela aglomeração e as inusitadas possibilidades de ocultação e de segredo na grande cidade, similar nisto a uma selva emaranhada, com todos os recovos, seus becos, seus esconderijos, são condições favoráveis para uma vida mais múltipla, variada e perigosa, com conflitos e antagonismos aguçados, com infinitas oportunidades para o drama e para aventura.*⁷

Contudo, no alvorecer de um empreendimento inovador e até certo ponto revolucionário, o que mais pesou foi a tradição e a herança de um passado coloniais visíveis nos mais diversos traços. Segundo Elisa Radovanovic bastava passear pelas ruas da cidade de Buenos Aires para poder ver de perto e sentir os traços daquilo que os argentinos não mais queriam se recordar: a persistência de tetos de *azotea*, um número sem fim de edifícios de pouca altura e a carência de espaços verdes. Enfim, uma cidade que em seu desenho apresentava-se absolutamente desprovida de projetos urbanos,

⁶ ESCARDÓ, F., *Geografía de Buenos Aires*, p. 18.

⁷ SEBRELI, J. J., *Buenos Aires, Vida Cotidiana y alienacion*, p. 22.

mesmo de modesta escala e que conforme a estudiosa do assunto Elisa Radovanovic, o interesse de transformar a edificação de Buenos Aires:

*Propulsam a desapareição da cidade chata em beneficio da saúde pública, da estética urbana e arquitetônica. Esses planos se centram em torno da modificação dos antigos traços de feições coloniais, ao crescimento da altura dos edifícios, assim como a necessidade de solucionar a irregularidade arquitetônica vigente, a trama viária e a notória escassez de espaços verdes.*⁸

Por outro lado, a vida cidadina foi adquirindo características para além do contraditório. Com a metamorfose da urbe ultrapassando o aspecto físico, novas posturas passam a ser assumidas pelos transeuntes e habitantes: ao invés da pegajosa intimidade da vida do vizinho, como descreve Juan Jose Sebreli sobre a Buenos Aires antes do impulso modernizador, a cidade ao multiplicar suas funções, se tornou mais anônima e impessoal.⁹ A atmosfera de perplexidade ganhava respaldo na transformação em escala assombrosa do perímetro citadino, mas também na nova aglomeração que passava a compor o mosaico da cidade transformada e, como diz Richard Sennett, na falta de sentido que as pessoas faziam umas para com as outras.¹⁰

Desde os erráticos imigrantes até o exemplar mais original do argentino a angústia passava ser a mesma: aquele que está a meu lado num trem ou dividindo ombro a ombro os apressados passos no mais novo empreendimento urbanístico, que poderia ser uma diagonal, já não é o meu conhecido e tudo se torna mais inquietante, já que o anônimo que compartilha das benesses e das ansiedades da vida moderna, não mais é possível saber nada sobre ele.¹¹ O aparecimento em cena da aglomeração populacional franqueou o anonimato como possibilidade aberta aos novos personagens da urbe moderna. À expressão crescimento populacional para descrever o pelotão de humanos que invadem a cidade de Buenos Aires acresce-se os novos papéis que pareciam brotar como cogumelos esvaecendo assim a fronteira, outrora mais rígida entre íntimo e público, formando insumos para uma vida secreta.

Esta é a trajetória trilhada pela urbe portenha. A cidade de Buenos Aires diante de seu crescimento vê sendo aniquilada sua inocência e sossego aldeãos no caminho da tão almejada modernização e cosmopolitização.¹² As transfigurações pelas quais

⁸ RADOVANOVIC, E., *Buenos Aires Ciudad Moderna: 1880-1910*, p. 89.

⁹ SEBRELI, J. J., *Buenos Aires, Vida Cotidiana y alienacion*, p. 21-22.

¹⁰ SENNETT, R., *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*, p. 264.

¹¹ *Ibid.*, p. 264.

¹² ROMERO, J. L., *Latinoamérica: las ciudades y las ideas*, p. 321.

atravessa a cidade deixavam em seus habitantes e transeuntes a forte impressão de que estariam prontos a embriagar-se diante da nascente torrente de heterogeneidades. Assim, o perímetro citadino buenairense surgia como forma de absorção das representações do moderno e do cosmopolita com vistas a um novo rearranjo do passado:

*Correlativamente, isso coincide com que Buenos Aires seja a única parte do país que não é semi-colonial. Por que (Buenos Aires) é a sede dos colonizadores, não dos colonizados. Sem embargo, Buenos Aires sendo de todos não é de ninguém. É a cidade não possuída por excelência. Esta não possessão é seu signo característico no físico, no psicológico e no estético.*¹³

Peremptoriamente, conforme a percepção de Escardó o espaço urbano buenairense aparenta abranger a performance cênica ou mesmo teatral com o fito de impessoalidade (*Buenos Aires não é de ninguém*). Aliado a isto, a pretensão de exorcismo de um passado indesejável talvez com vista a um futuro mais soberbo (*Buenos Aires é a sede dos colonizadores, não dos colonizados*). Desta forma, a cidade portenha em seu rumo à modernização confiante, ia cada vez mais se assemelhando à capital de um império imaginário. Após ter superado os conflitos intestinos, a cidade parece ter-se investido de autoridade incontestável e coroada a si própria com a não dissimulada ambição de conquistar o cetro continental:¹⁴

*Buenos Aires se transformou então, em um privilegiado cenário da civilização ocidental, que aparece como uma intrincada rede com superposição de culminações e inícios, onde se desataram mecanismos, procedimentos e problemáticas, antecipações de situações posteriores. Em um contexto crescente de globalização, as transferências, mobilidades e intercâmbios, tanto de idéias como de pessoas, produtos e serviços, alcançaram níveis inigualados, originando situações e fenômenos complexos e contraditórios.*¹⁵

A mutação do espaço físico da cidade situa Buenos Aires num dos domínios de estudos em que mais se repercutiu a modalidade destes novos processos em câmbio.¹⁶ Evidentemente, para os habitantes e transeuntes sua percepção tornou-se intrincada dado que, enquanto fenômeno, ele revestia-se de características fantásticas para boa parte da visão dos contemporâneos. Logo, uma definição completa, decisiva e segura que

¹³ ESCARDÓ, F., *Geografía de Buenos Aires*, p. 18-19.

¹⁴ GREMENTIERI, F.; VERSTRAETEN, X., *Buenos Aires; arquitectura y Patrimonio*, p. 11.

¹⁵ *Ibid.*, loc. cit.

¹⁶ Há uma ampla literatura e estudos críticos sobre o assunto: Para Buenos Aires ver: SARLO, B., *Una Modernidad Periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*; SEBRELI, J. J., *Buenos Aires, Vida Cotidiana y alienacion*. Para a vinculação de crescimento citadino e aparatos intelectuais: RAMA, A., *A Cidade das Letras*.

pudesse dar a platéia deste novo e por vezes estranho espetáculo algum antídoto que representasse algo que fosse contra a sensação angustiante, nem sempre era possível. A eclosão da ambiência metamórfica e arrebatadora que atravessava a moderna cidade de Buenos Aires nem sempre se apresentava confortavelmente para seus habitantes. Neste caso, além de ter de enfrentar-se com algo enigmático havia também uma carência de nitidez ideológica, ou mesmo estilística nos projetos da cidade como um todo.¹⁷ Isto poderia perfeitamente significar para um observador mais atento tons de verdadeiro ecletismo protético e um dos exemplos mais notáveis do formidável crescimento da Argentina a fins do século XIX e princípios do século XX.¹⁸ Desta forma, a tentativa de definição da cidade através de um ideal de *representação* de um conjunto de características a ela atribuídas seria absurdo conforme diz Adrián Gorelik.¹⁹

Assim, uma Argentina entusiasmada transformava a fisionomia de sua capital como prova da visibilidade material da entrada de todos nos caminhos da civilização e progresso infinitos. O esplendor argentino concretizado no fenômeno da metropolização escandalosa esteve fortemente caracterizado por uma das suas peculiaridades mais visíveis: a variedade e o desconhecido.

Estes dois elementos, aliados à posse de um diagnóstico animador forneceu aos argentinos a possibilidade de espantar o fantasma de uma civilização de segunda mão ou em termos mais claros “civilização de galho” proposta por Juan Bautista Alberdi.²⁰ Para tal, seus principais planejadores deram vazão a toda vontade de construção de edifícios suntuosos, avenidas, prédios e espaços públicos que significasse na prática uma postura contrária as avaliações de teor pessimistas e desencorajadoras. Na verdade, este é o período em que a diversidade de estilos passou a caminhar de mãos dadas com uma interpretação de cunho nacional ou regional das novas construções simbólicas.²¹ Deste modo, com operações de adaptação, combinação e reinterpretção do passado nestas novas edificações públicas, o resultado foi um verdadeiro arrebatamento frente a

¹⁷ ROSARIOS, O., *América Latina: Veinte Repúblicas, una Nación*, p.15.

¹⁸ LUNA, F., *Breve História dos Argentinos*, p.14.

¹⁹ GORELIK, A., *A Produção da Cidade latino Americana*, p. 111.

²⁰ Juan Bautista Alberdi, político, jurista e escritor argentino no século XIX. “Trata-se neste caso de uma metáfora botânica “civilización de gajo” proposta por Juan Bautista Alberdi na Argentina do século XIX diante do juízo generalizado de que” nessas terras nada de bom poderia nascer da raiz”. Reporto-me por: GORELIK, A., *A Produção da Cidade latino Americana*, p. 111; PALERMO, V., *Pensamento Político Progressista no Liberalismo Argentino e Mexicano do Século XIX: Juan Bautista Alberdi e Justo Sierra*.

²¹ É bastante fecunda a discussão sobre nacionalismos e regionalismos no período mesmo que não seja nosso interesse aqui discuti-la. Vale lembrar, entretanto, que o caráter heterogêneo da cidade marcou profundamente os debates sobre a “verdadeira argentinidade”. Em termos de costumes, variedades de línguas e imigração tornou-se imperante debruçar-se sobre essas questões.

estas transformações cuja parte mais sensível se traduziu no espanto dos transeuntes e analisadores:

*O conflito da modernidade suscitou o debate entre as formas do passado e do presente. As repercussões da implantação do modelo no acionar da classe dirigente tiveram sua crise posterior como efeito provável de sua deficiente aplicação.*²²

Como não é difícil de imaginar, estas transformações possuíam um forte apelo de verniz estético. As leis que passaram a regular sobre a altura dos edifícios deixaram em toda superfície da cidade uma marca que distava muito do retrato da antiga cidade colonial. A estas medidas somam-se a promoção das praças e jardins públicos arborizados cuja maior contribuição estava na alterada imagem que suscitava essas novas passagens naturais. Além da função ornamental que deles emanava, esses verdadeiros “retiros da natureza” em pleno núcleo nevrálgico da cidade, propendiam ao habitante um sentimento do privilégio de descansar, passear, ou simplesmente entregar-se ao abandono e admirar estes recantos verdes de rara beleza. A monotonia do amplo tabuleiro da cidade colonial portenha ganhava a cada nova atividade com vistas a sua modernização salubre, ares de importância e nobreza altiva:

*...Prosperou o gosto pelos traçados de influência italiana, e nos arredores de centro, as vilas neo renascentistas se enfeitavam com espaços abertos de espírito mediterrâneo... Uma cuidadosa planificação e gerência do espaço público através da Direção de Parques e Jardins permitiram aproveitar todos os vazios urbanos para incorporar áreas verdes cuidadosamente desenhadas.*²³

E cujo objetivo principal residia:

*Na preocupação estética, seu critério sistêmico no tratamento de cada peça e do conjunto, sua habilidade estratégica para definir harmonias com a arquitetura, a escultura e o urbanismo, ou sua capacidade para integrar preexistências e sintetizar diversas influências...*²⁴

Esta predileção pela magnificência estética, ademais, foi fortemente favorecida por um complexo de fatores que desde o histórico e cultural fizeram com que as

²² RADOVANOVIC, E., *Buenos Aires Ciudad Moderna: 1880-1910*, p. 93.

²³ GREMENTIERI, F.; VERSTRAETEN, X., *Buenos Aires; arquitectura y Patrimônio*, p. 92.

²⁴ *Ibid.*, loc.cit.

inovações se dessem na parte mais antiga da cidade.²⁵ Neste sentido, o centro da capital buenairense se constituiu no foco principal das inovações de caráter estético, eclético e inovador. Como nos afirma Margarita Gutman, nesta etapa de grandes e rápidas transformações alguns edifícios históricos, aqueles cujos valores se preservavam de uma demolição total, se tornaram objetos de remodelações diversas, especialmente os que rodeavam a Praça de Mayo.²⁶

O tenso diálogo do passado com o presente com pretensões a um futuro de júbilo e proeminência inauditas produziram algumas profecias não tão animadoras. E, por outro lado, mesmo que alguns destes presságios se assemelhassem às profecias bíblicas de caráter apocalíptico, não seria difícil imaginar que o rápido crescimento da urbe produzisse prognósticos quanto a sua possível destruição. Um verdadeiro torvelinho. Esta é a impressão marcante das transformações da urbe metropolizada e que, enquanto tal, uma hecatombe catastrófica era mais que esperada.

Mas dentro de um senso planejador, a reestruturação do centro da capital com seus edifícios majestosos e de esplendor quase exagerados, novas avenidas, diagonais, parques e amplas praças possuíram uma função importante de integração social num momento de fragmentação, mescla, quebra de valores e imigração intensa.²⁷

A particularidade Buenairense tem contornos de fascínio quando se tem em mente que até mesmo um sentimento de inferioridade fazia parte da alma de seus habitantes ensombrecendo-a, antes da empreitada modernizante. Bastante difundido em América Latina, o traço de orgulho e presunção que se atribui aos argentinos pelas presumidas glórias de seu país e beleza de sua capital, sobretudo aos portenhos, historicamente se revela difícil encontrar indícios do atual sentimento, se verdadeiro, naturalmente. Na verdade, segundo Margarita Gutman e Jorge Enrique Hardoy, a cidade nem sequer aparecia nos mapas, diários e importantes livros confeccionados por expedições de viajantes espanhóis e estrangeiros que passavam pela região. Ao longo de sua trajetória, a cidade portenha perdia em importância para outras do continente como

²⁵ Estamos diante de um período de saturação teórica. Na verdade, muitos elementos contribuíram para tal efervescência: Reforma Universitária de forte apelo político, ampliação do mercado editorial, traduções economicamente mais acessíveis de clássicos da literatura, política, estética entre outros, crescimento dos índices de alfabetização e mais facilidade dos meios de comunicação. Ver: RAMA, A., *A cidade das Letras*.; RAMA, A.; AGUIAR, F.; GUARDINI T. VASCONCELOS, S. (Orgs), *Literatura e Cultura na América Latina. Ensaíos Latino Americanos*.; SARLO, B., *Una Modernidad Periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*.

²⁶ GUTMAN, M.; HARDOY, J. E., *Buenos Aires: Historia urbana del Área Metropolitana*, p. 146.

²⁷ Mesmo que não seja nosso propósito analisa-lo, note-se também o forte apelo de cunho nacional que se encontra bastante acentuado no período e que comporta várias manifestações, sobretudo às vésperas do centenário da independência.

Cuzco e Montevideu. Em grande medida, este sentimento de inferioridade residia no fato de que a cidade possuiu ao longo de sua jornada poucas condições de rivalizar com cidades vizinhas, como Assunção que se oferecia cada vez mais como centro indiscutível da vasta região do Rio da Prata.²⁸ Este cenário, no entanto, era passível de transformação. Fatalmente, à medida que a cidade se modernizava ela foi angariando desejos de ser decifrada. Esta mudança de cenário depois do furor modernizante, de acordo com Richard Morse:

*Uma nota de decadência, um alerta funesto soou tanto na cultura de cabaré do tango quanto na cultura sofisticada dos literatos. Mais que outras cidades latino-americanas, Buenos Aires compartilhava do ethos cosmopolitano do modernismo ocidental, de modo que os lugares-comuns da história e da cultura regionais assumiram uma feição mítica. A investigação perscrutou além da chamada realidade, em um domínio de enigma ou paradoxo. O desafio central não era a cognição, mas a decifração.*²⁹

O verdadeiro senso de explosão que se deu em Buenos Aires trouxe à luz a problemática do ordenamento, do cálculo e da organização para conter pelo menos em algum grau, a fragmentação cada vez mais crescente da urbe babélica.³⁰ Os resquícios que inscreviam Buenos Aires numa cidade colonial, negativamente hispanizada, além de terem desaparecido, a cidade teria também de fornecer à imagem de desordem crescente um apelo de progresso fáustico e generosidade urbana. De alguma forma, pode-se dizer que a fragmentação residia no diálogo surdo e simultaneamente complexo das manifestações visíveis da persistência de traços do passado que muitas das vezes serviam como referência e a intenção de um Éden futuro, radiante e inseguro por decidir quase sempre se manifestar na forma virulenta do caótico e da sedução sem limites.

O primeiro planejamento moderno para a cidade se deu nas primeiras décadas do século XX. O impulso encorajador se deveu a forte apreensão que se verificou às portas da comemoração do Centenário da Revolução de Maio. As ruas de Buenos Aires ganham neste período uma atenção mais que especial de seu intendente municipal, seus planejadores urbanos, arquitetos e presidente da República.³¹ Tem-se, desta forma, o advento de uma intensa peleja para saber qual o melhor projeto para redesenhar todo o traçado urbano buenairense. Verifica-se a gênese de uma ação racionalizadora que,

²⁸ GUTMAN, M.; HARDOY, J. E., *Buenos Aires: Historia urbana del Área Metropolitana*, p. 25-26.

²⁹ MORSE, R., *As Cidades Periféricas como Arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina*, p. 25.

³⁰ RADOVANOVIC, E., *Buenos Aires Ciudad Moderna: 1880-1910*, p. 94-103.

³¹ *Ibid.*, p. 93.

visando instrumentalizar as posturas que deviam ser assumidas pelos transeuntes da cidade, coincidiam com projetos de remodelação antigos que caminhavam na direção de pensar nas conveniências de ruas mais largas, ou até mesmo a transformação das mesmas em avenidas, diagonais e vias principais para melhor salubridade do perímetro citadino.

Dentro desse espírito inovador, torna-se difícil imaginar todas as conseqüências das transformações acarretadas pelo ideal liberal-moderno, mas de pronto, sabe-se que este ideal atingiu diversos níveis e escalões do corpo social provocando desta forma alterações das mais pungentes. À uma transformação econômica e uma vibrante transformação social, junta-se uma verdadeira atmosfera confiante e eufórica às portas da comemoração do centenário fortemente alavancada pelo crescimento de índices positivos na esfera econômica. Este legado surge nas palavras de Félix Luna:

*Os trinta anos que transcorreram entre 1880 e 1910 foram fundamentais para a modelagem da argentina moderna. De algum modo somos todos herdeiros daquela época. Os grandes edifícios públicos que se vêem em todas as cidades da República (...) a afirmação das instituições fundamentais nas quais se faz sólida a vida do país, desde a educação primária até a universidade...*³²

Pode-se mesmo dizer que em Argentina estas metamorfoses provocaram sentimentos de estranheza e perplexidade atravessando os mais diferentes campos da vida social. Neste sentido, uma expressiva fração da comunidade buenairense que tinha em mira dar uma resposta adequada a este singular período foi assaltada pela sensação de que estavam em xeque vários dos outrora mais certos e confiantes paradigmas. Assim, a tentativa de resolução dos conflitos na cada vez mais babélica Buenos Aires passava pela investida em diagnósticos cuja precisão era, por sua vez, mais difícil. Esta experiência, nas palavras de Angel Rama:

*A mobilidade da cidade real, seu tráfico de desconhecidos, suas sucessivas construções e demolições, seu ritmo acelerado, as mutações que os novos costumes introduziam, tudo contribuiu para a instabilidade, a perda do passado, a conquista do futuro. A cidade começou a viver para um imprevisível amanhã e deixou de viver para o ontem nostálgico e identificador. Difícil situação para os cidadãos. Sua experiência cotidiana foi de estranhamento.*³³

³² LUNA, F., *Breve História dos Argentinos*, p.14.

³³ RAMA, A., *A cidade das Letras*, p.97.

Com a virada do século acompanhamos as singulares guinadas do ponto de vista teórico que abarcam desde o plano histórico-sociológico até as artes com sua visão e expressão do mundo que, se oferecia possibilidades de compreensão e sensibilidade a este novo momento, também ofertava a sociedade as mais insidiosas e extravagantes teorias.³⁴ Vislumbra-se, de igual maneira, a fecundação de explicações que disputavam o consenso de qual o rumo a jovem nação Argentina deveria adotar. Mas singular, no entanto, foi o sentimento de perplexidade a que todos estavam submetidos com o advento da modernização da capital:

*Já em 1890 se havia quebrado a imagem de uma cidade homogênea, mas trinta anos são poucos para assimilar, na dimensão subjetiva, as radicais diferenças introduzidas pelo crescimento urbano, a imigração e os filhos da imigração. Uma cidade que duplica sua população em pouco menos de um quarto de século sofre transformações que seus habitantes, velhos e novos, deverão processar.*³⁵

Este sentimento encontra ressonâncias nas mais diversas latitudes. Este alcance, inclusive, ganha expressão na literatura e nas artes já que em grande medida, a nova vida citadina se tornou elemento essencial para a própria confecção das obras estéticas e poderoso ingrediente de fomento a imaginação. Configura-se a perplexidade no sentido de tentativa de compreensão dos novos rumos e da estranheza frente às novas modalidades de se reconhecer frente a essas mudanças. Esta atmosfera carrega consigo e desperta nos contemporâneos velhos e novos como diz Beatriz Sarlo o sentimento do inverossímil, um verdadeiro sentir-se deslocado, ou talvez, o receio de não mais poder corresponder às expectativas constantemente engendradas e reengendradas quase que diuturnamente. O sentimento de perplexidade e torpor, o assombro diante da verdade indelével de um reconhecimento não pleno dos fenômenos, adquire nesses termos um estatuto bastante próximo do sentido de vertigem:

A cidade (Buenos Aires) se vive a uma velocidade sem precedentes e estes deslocamentos rápidos não produzem conseqüências somente funcionais. A experiência da velocidade e a experiência da luz modulam um novo elenco de

³⁴ No plano geral, as teorias oscilavam entre dois paradigmas principais: de um lado temos a tentativa de transplantar os modelos europeus de arquitetura política e, por outro, um combinado entre as contribuições europeias e as características propriamente nacionais a serem descobertas e definidas. Quanto aos aspectos extravagantes de uma dessas teorias, veja-se por exemplo a frase na Avenida Corrientes no centro da capital Argentina de Domingo Faustino Sarmiento, presidente, escritor do clássico da literatura argentina “*El Facundo*” e teórico da nação argentina: “Nem negros nem índios, nós (Argentina) somos uma nação decente”.

³⁵ SARLO, B., *Una Modernidad Periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*, p. 17-18.

*imagens e percepções: quem tinha um pouco mais de vinte anos em 1925 podia se lembrar da cidade da virada do século e comprovar as diferenças. Sem dúvida, as coisas haviam mudado menos na floresta do que no centro.*³⁶

Ou conforme a formulação de George Simmel:

*As relações e os afetos do habitante típico da grande cidade são habitualmente tão diversos e complicados e, antes de tudo, a concentração de homens tão numerosa com os interesses tão indiferenciados que faz dessas relações e dessas ações um organismo tão complexo que, sem a pontualidade mais exata nas promessas e nas suas realizações tudo se desmoronaria em um inextricável caos.*³⁷

Desta forma, a singularidade, própria de uma cidade em plena transformação exponencia suas conseqüências em diversos e variáveis rumos. Ao tocar no funcional, mas sem se deter nele, a experiência da cidade modernizada passa a demandar um novo repertório de sensibilidades.³⁸ Assim, de nossa parte podemos considerar que a força que jazia no reconhecimento das posturas e nos sujeitos que travavam relações mais íntimas e cuja proximidade trazia conforto e custodiava uma ambiência prazenteira, toma lugar um indivíduo órfão e desamparado que se debate buscando um frêmito de autonomia. Ao mesmo tempo em que havia a ameaça da originalidade de sua antiga existência face aos imperativos de um legado histórico e cultural que o poder da técnica e do cálculo só faziam exacerbar.

Face aos inúmeros problemas do ponto de vista social, Beatriz Sarlo afirma que é aos mais velhos e imigrantes que talvez se deva o mais agudo sentimento de estranhamento, perplexidade e de surpresa.³⁹ Para estes, não é de se estranhar o fato da modernidade lhes parecer muitas das vezes sob o olhar de uma verdadeira aventura, quase sempre, claro, plenamente chafurdada com elementos de sofisticada crueldade. Neste sentido, como também sublinha o estudioso dos fenômenos das cidades Lewis Mumford, habitantes em plena desorientação, uma persistente afluência de imigrantes, mudanças freqüentes de domicílios, falecimento de limites reconhecíveis ou centro de encontros comuns, tudo isso veio a reduzir os processos estabilizadores da vida de em

³⁶ SARLO, B., *Una Modernidad Periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*, p.16.

³⁷ SIMMEL, G., *Philosophie de la Modernité*, p. 238.

³⁸ SARLO, B., op.cit., p.21.

³⁹ Ibid., p.49.

comunidade, em vizinhança⁴⁰. Ainda nesta direção, a atmosfera de instabilidade era o que mais gerava o sentimento de espanto segundo José Luis Romero:

*Surpreendia-se dessas transformações que as faziam irreconhecível uma cidade em vinte anos. Foi isso precisamente, que ao começar o novo século prestou a imagem de América Latina um ar de irreprimível e ilimitada aventura.*⁴¹

Assim afirmava José Luis Romero no que concerne as transformações abruptas no interior das cidades burguesas da América Latina da virada do século XIX para o século XX. Ao se depararem com o advento do novo e do imponderável, os setores mais senis da sociedade tendencialmente davam a esta experiência um sentido de perda e de um imprevisível futuro. A dificuldade em não mais projetar com certeza estatística a definição do porvir passou a condicionar as relações fazendo com que se abalasse os antigos paradigmas de um tranqüilo desenrolar do passado até o presente e deste presente até um futuro. Trata-se de um período de incertezas e desconfiança.

No capítulo "As cidades Burguesas", José Luis Romero caminha na direção de pensar a radicalidade do fenômeno citadino nas sociedades latino americanas dentro do acento da conjunção entre poder econômico e político aliada a desestronização de suas classes privilegiadas que, segundo o próprio Romero, "destituíam a harmonia da estável sociedade tradicional".⁴² Além disso, não deixa de ser de grande mérito a ênfase que o autor dá ao aparecimento das possibilidades e as atividades inauditas e surpreendentes, o que segundo Richard Morse, contribuiu para que o livro se tornasse um clássico na matéria. Novas, inauditas que eram, essas atividades revestiram a sociedade de um caráter absolutamente diferente da "grande aldeia" que era a fisionomia de boa parte das cidades do sul do continente, epíteto bastante atribuído a Buenos Aires colonial. De forma rápida, intensa, estes antigos territórios coloniais passaram a adquirir uma feição tensa e inverossímil: a cidade se transformara em um conglomerado heterogêneo e confuso:

O resultado não tardou a advertir-se, e o sistema tradicional das relações sociais começou a modificar-se. Onde havia um sítio pré-estabelecido para cada um começaram a aparecer uma onda de aspirantes para cada lugar; e não eram somente os recém chegados com vocação para aventura que destruíram a harmonia da estável

⁴⁰ MUNFORD, L., *A Cidade na História: suas origens, desenvolvimentos e perspectivas*, p. 539.

⁴¹ ROMERO, J. L., *Latinoamérica: las ciudades y las ideas*, p. 247.

⁴² *Ibid.*, p. 259.

*sociedade tradicional. Eram também os que já formavam parte dela sem participar, como marginais, muito dos quais começavam a incorporar-se por que possuíam atitude e aparecia a ocasião de que as demonstraram.*⁴³

E mais adiante;

*De pronto o urbano patriciado descobriu, antes que ninguém, que sua cidade, “A grande aldeia”, começava a transformar-se num conglomerado heterogêneo e confuso, em que se perdiam pouco a pouco as possibilidades de controle da sociedade sobre cada um dos seus membros, a medida que desaparecia a antiga relação direta uns com os outros.*⁴⁴

Todos esses complexos de componentes que à força do tempo foram se adensando na experiência modernizadora de Buenos Aires ganham mais sentido se avaliarmos o potencial da ênfase dada à morte das relações de proximidade. Naturalmente, o advento do alvoroço modernizador trouxe consigo uns sem número de atividades, novos ramos de profissões, possibilidades inusitadas de intervenção na arena pública, radicalidade na alteração do espaço físico, novos estímulos e transformação da visualidade. Nesta direção, a embriaguez do cenário talvez tenha tido como correspondência não especulada o fato das pessoas se relacionarem de forma distante, dificilmente de forma direta e espontânea, mas apenas em seu confronto solitário e solidário com o turbilhão de que a rua, a grande artéria era lugar principal desta nova platéia.⁴⁵

O elemento de não especulação deve-se, sobretudo, ao adensamento a patamares ingovernáveis da capital argentina e sua transformação em território simbólico das manifestações do efêmero e no *locus* onde a coletividade teria de enfrentar-se, de forma apaziguada esperavam os planejadores, nos cafés, transportes públicos ou num simples olhar de uma tumultuada avenida recém reformada. Esta nova multidão em cenário

⁴³ ROMERO, J. L., *Latinoamérica: las ciudades y las ideas*, p. 259-260.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 260.

⁴⁵ Mesmo que seja uma interpretação de cunho pessoal ela não se encontra totalmente desprovida de fundamentos já que podemos encontrar ressonâncias em outros estudos que tivemos acesso. De fato, Beatriz Sarlo estudiosa da modernização em Buenos Aires dá eloquentes pistas para uma interpretação no mesmo sentido: SARLO, B., *Una Modernidad Periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Ver também: SCHORSKE, C., *Viena Fin de Siècle.*; SENNETT, R., *O declínio do homem público: As tiranias da Intimidade.*; SEVCENKO, N., *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.*

passara a agir como que resguardando seu direito de não ser abordada levando desta forma uma vida em sociedade que beirava a um alérgico contato ao outro.

De todo o exposto depreende-se que a vida na grande Buenos Aires não garantiria por si uma existência mais solidária nem favorecera a comunhão entre os homens, essa nova multidão que passara a entrar em cena. A despeito de seu avultante montante, esta nova multidão que adentrara o cenário urbano buenairense dificilmente poderia ser considerada como totalidade, segundo a análise um tanto pessimista de Florêncio Escardó.⁴⁶ Assim, como a Viena tratada por Carl Schorske, o habitante da nova e tensa Buenos Aires caminhava de um edifício a outro, de um aspecto da vida a outro experimentando as novas modalidades em processo.⁴⁷ A estabilidade residia justamente neste consórcio de almas transitando, aparentemente desobjetivadas. A angústia do isolamento e da falência do modelo das relações abertas, notoriamente mais presentes na aldeia que era a antiga Buenos Aires, acentua-se com a diversidade e o modelo intransigente dos planejadores urbanos:

*A pontualidade, a confiança, a exatidão impõe a ele (o homem que vive na metrópole) as complicações e as grandes distâncias da vida na grande cidade, não somente em forte conexão com seu caráter financeiro e intelectual, mas devem também colorir os conteúdos da vida e favorecer a desqualificação dos impulsos e traços irracionais, instintivos e soberanos, que querem determinar a forma da vida a partir deles mesmos, ao lugar de acolher do exterior como uma forma universal, de uma precisão esquemática.*⁴⁸

Nestes termos, ao habitante da recém transformada Buenos Aires consentiu-se a oportunidade de experimentar as metamorfoses pela qual estava passando a antiga cidade através dos planos de remodelação de seu tecido físico. Na verdade, desde a virada do século XIX para o século XX, apesar das contradições que haviam se manifestado durante a primeira presidência de Hipólito Yrigoyen, se viveu em Argentina um período de relativa prosperidade.⁴⁹ Como foi demonstrado pelas palavras semelhantes de Félix Luna, ensaiava-se na Argentina caminhar na direção de instituições mais estáveis, com amplas reservas de capital consolidado e fazenda solvente.⁵⁰ Desta maneira, e já que estas eram uma das exigências do momento, somente a recuperação de uma imagem disciplinada e aberrantemente conservadora poderia

⁴⁶ ESCARDÓ, F., *Geografía de Buenos Aires*, p. 19.

⁴⁷ SCHORSKE, C., *Viena Fin de Siècle*, p. 54.

⁴⁸ SIMMEL, G., *Philosophie de la Modernité*, p. 238-239.

⁴⁹ GUTMAN, M.; HARDOY, J. E., *Buenos Aires: Historia urbana del Área Metropolitana*, p. 140.

⁵⁰ LUNA, F., *Breve História dos Argentinos*, p.14.

restabelecer os contornos de um país com um chão firme e que garantisse a adulação dos créditos europeus.⁵¹

Com esses rearranjos em concerto, a cidade portenha estava se transformando em núcleo nervoso da ação reformista cujo *húmus* estava presente nos projetos de melhorias propostos desde fins do século XIX e que perduraram até a segunda metade do século XX. Neste sentido, a função atribuída ao passado vai adquirindo relevância a medida que a versão prática dos projetos de reforma ia se aproximando da direção onde ainda restavam os resquícios das antigas simbologias do passado colonial. Segundo Elisa Radovanovic estes projetos afetaram principalmente:

*O grande projeto transformador de Paris afetou globalmente a cidade. No restante do mundo as imitações baseadas neste principal referente apenas modificaram um setor da trama urbana. Nas capitais dos países latinos americanos, como Buenos Aires, ao operar sobre os velhos cascos fundacionais se destruiu o tecido que persistia do tempo colonial, desfigurando um dos símbolos principais de sua identidade.*⁵²

Esta relação com as identidades passíveis de serem forjadas foram especialmente salientadas nos embates ideológicos e políticos que traziam a marca de uma aposta argentina da civilização contra a barbárie.⁵³ Tais medidas visavam incluir o país, na materialidade majestosa de sua capital, no conjunto de centros metropolitanos comparáveis as grandes urbes modernas. Para que este evento se concretizasse era preciso emprestar a fisionomia de Buenos Aires uma imagem menos antiquada e mais hodierna.

De fato, o centro metropolitano da cidade de Buenos Aires entra num processo de franca expansibilidade. Poderíamos certamente sem muito esforço, imaginar o alvoroço que estas mudanças provocaram nos que tiveram alguma forma de acesso a urbe reformada. A cidade, pelo frescor e vivacidade de suas novas construções, começava a experimentar algumas sensíveis mudanças em suas características urbanísticas e que, por sua vez, também veria os monumentos que não faziam parte da cidade no passado surgirem com a força do seu majestoso esplendor. No curso destes

⁵¹ LUNA, F., *Breve História dos Argentinos*, p.14.

⁵² RADOVANOVIC, E., *Buenos Aires Ciudad Moderna: 1880-1910*, p. 61.

⁵³ Civilização e Barbárie são dois extremos de um dos preceitos fundamentais da visão de Sarmiento sobre o futuro da República Argentina. Sobre as políticas que traziam a marca desta aposta sarmientiana Ver: VIANA, F., *Argentina, Civilização e Barbárie: a história Argentina vista da casa rosada.*; LAMBERT, J., *América Latina: estruturas sociais e instituições políticas.*; SIMÕES, J. F. de O., *Casa-grande & senzala e Radiografia de la pampa: ensaios de interpretação nacional na América Latina.*

anos, a cidade de Buenos Aires ia aumentando seu conjunto de instituições, monumentos, parques e jardins públicos e áreas de lazer.⁵⁴

Assim, a cidade portenha foi adquirindo um semblante inédito. Por toda urbe as novas construções pareciam escritas em um idioma híbrido, como que atestando uma realidade imaginária, de fantasia e sonhos, podemos dizer quase virtual, e onde a heterodoxia das regras parecia ser sua distinção inauferível. Buenos Aires apresentava-se aos olhos dos seus habitantes e transeuntes como uma cidade eclética e rica de possibilidades. Por isso mesmo grande parte da sedução da cidade jazia nas características pretensiosas da construção dos complexos de mosaicos em que se transformara a urbe buenairense:

*O país em seu apogeu permitiu a Buenos Aires o luxo de ser apoteótica e decadente, brilhante e opaca de uma só vez. Suas insaciáveis pretensões buscavam condensar a festa de Paris, o vodevil de Berlim e a voracidade de Nova York... A capital europeia da América não acusou o trauma de seus pares ancestrais o que lhe permitiu continuar com a prática de em ecletismo irrestrito, multiforme e já definitivamente institucionalizado.*⁵⁵

Uma das maiores evidências que causa o efeito deste conjunto é a da aparente evolução sensível na arte da construção. O século XIX se finda operando como que uma suspensão com os modelos representativos que revelassem alguma forma de diálogo com o passado colonial. Com efeito, Buenos Aires como centro espiritual da Argentina, ao tentar lançar seu passado no ostracismo procurou oferecer mais que outras cidades no interior do território ou mesmo do continente Latino Americano formas de beleza que convidassem ao lazer ou que favorecessem a vaidade dos que desfrutavam de seu novo aspecto risonho e longo:

*Com a revolução nos costumes de fins do século, o ritual começou a organizar-se de forma mais pomposa com os passeios da Rua Flórida, da Recoleta e as Barrancas de Belgrano, e sobretudo o famoso “corso” de Palermo, as tardes de quinta e domingos: quatro filas de carros indo e voltando em uma área de três quadras pela atual Avenida Sarmiento, trocando em cada volta o local para que todos pudesse cruzar inevitavelmente com todos. A cerimônia tinha suas regras fixas: na primeira volta se saudavam, na seguinte fingiam não se verem e na última se despediam.*⁵⁶

⁵⁴ RADOVANOVIC, E., *Buenos Aires Ciudad Moderna: 1880-1910*, p. 98.

⁵⁵ GREMENTIERI, F.; VERSTRAETEN, X., *Buenos Aires; arquitectura y Patrimônio*, p. 15.

⁵⁶ SEBRELI, J. J., *Buenos Aires, Vida Cotidiana y Alienacion*, p. 46.

Notoriamente, a sensação de impacto causado por estes novos logradouros residia no aspecto espetacular de suas novas construções. Em Buenos Aires, este sentimento estava aliado a ilusão de um espaço gigantesco produzido por obra humana e seu engenho, bem no núcleo nervoso de um denso conglomerado urbano. Todas essas novas edificações, desde os parques públicos que dialogavam através das diagonais até as novas ruas como a Avenida e Plaza de Mayo, entravam em consonância com os edifícios do Congresso e Casas de governo e poderiam ser vistos como monumentos que rendiam homenagens a si mesmas dadas tamanhas força e expressividade.

Os planejadores estavam especialmente cômnicos da nova e imensa funcionalidade destes projetos.⁵⁷ Ao se criar espaços públicos pensavam-se na questão social representada pela nova aglomeração populacional. Ao tentar reestruturar esta nova densidade, as construções alteraram a liberdade com que as pessoas poderiam se reunir ou simplesmente transitar. Na verdade, com ou sem eficácia, estes planejadores buscarão refrear ou ao menos arregimentar os grupos humanos cada vez mais fragmentados e dispersos. Nas palavras de Elisa Radovanovic:

*A renovação do setor central orientou a nova imagem da capital em um desenho de corte modernizador, de cunho liberal e positivista imposto pelo poder. O processo de modernização requeria a substituição da estrutura urbana herdada do passado, apagando os traços daquela outra cidade de feição hispânica que perdurava no branco de seus edifícios, em seu baixo perfil, nas suas ruas estreitas, de dimensões quase coloquiais. Desde então as relações entre os cidadãos e seu habitat se modificaram profundamente.*⁵⁸

Desta forma, a capital argentina na figura dos seus ideólogos planejadores seguia o desenrolar de seu destino legendário prevista na planificação de uma cidade singular. Imaginando estar dando largos passos rumo a uma ordem de outro tipo, esses planejadores se obstinavam em seus desafios, ao mesmo tempo em que as novas projeções metropolitanas deformavam a percepção habitual de seus habitantes. Desta forma, a redenção do país pertencia ao futuro, e só a eficácia de um presente moderno poderia excomungar um passado colonial de atraso e de barbárie. De fato, no momento

⁵⁷ Trata-se de um extenso conjunto de planejadores urbanos e políticos da cidade cujos projetos por mais díspares que fossem tinham em comum o intento de revestir a capital do país de funcionalidade e “saúde”, como um organismo vivo. Desta maneira, conformou-se com urgência a questão do crescimento populacional destas décadas. Seus principais epígonos são, segundo Elisa Radovanovic: Torcuato Alvear, principal inspirador do projeto de reforma do setor central da cidade de Buenos Aires; Eduardo Wilde, a gestão presidencial de Julio Roca, Miguel Cané entre outros. Ver: RADOVANOVIC, E., *Buenos Aires Ciudad Moderna: 1880-1910*, p. 94.

⁵⁸ RADOVANIC, E., *Buenos Aires Ciudad Moderna: 1880-1910*, p.124.

em que se agudiza o sentimento de perplexidade, a sensação de estranheza e contradição era quase que inevitável, sobretudo na própria consciência dos que eram arrastados por este intenso turbilhão:

Houve, portanto, uma generalizada experiência de desenraizamento ao entrar a cidade ao movimento que regia o sistema econômico expansivo da época: os cidadãos já estabelecidos anteriormenete viam desvanecer o passado e se sentiam precipitados à precariedade, à transformação e ao futuro; os cidadãos novos, pelo simples fato de seu traslado da Europa, já estavam vivendo este estado de precariedade, careciam de vínculos emocionais com o cenário urbano que encontravam na América e tendiam a vê-lo em termos exclusivos de interesse ou comodidade.⁵⁹

Vários fatores contribuíram para intensificar esta sensação. Além de uma cidade em plena transformação, com avenidas mais amplas e um novo reordenamento da espacialidade da urbe, Buenos Aires havia também que saber lidar com o crescimento do número de imigrantes. Singularmente, tal fator a transformou numa cidade de feições poliétnica e, junto com isso, o nascimento do imperativo de se conviver com patamares de diversidade outrora praticamente impensáveis na aldeia portenha. Nesta direção, os dados são realmente impressionantes.

Historicamente, após ter contribuído para dar uma resposta ao artificialismo da idéia de América Hispânica com seus planos de dominação que retalhou os territórios em Vice Reinos, após as incruentas guerras civis de fragmentação do pós independência, a Argentina se via num problema de incorporação dos estrangeiros⁶⁰. A maciça presença de imigrantes já desde finais do século XIX fez com que nestes anos, devido a política de imigração, a população argentina quadruplicasse seu número de habitantes entre 1869 e 1914.⁶¹ Com isso os desembarques ultrapassavam a duzentos mil por ano e como conseqüência, Buenos Aires é alçada em meados de 1880 a cidade com o maior número de habitantes da América Latina, tendo superado poucos anos antes Rio de Janeiro e Cidade do México.

O antes e depois do processo de modernização se fez sentir em mais de um aspecto. Cidades inchadas, apresentando problemas sociais de difícil solução faziam

⁵⁹ RAMA, A., *A cidade das letras*, p. 97.

⁶⁰ O interessante a pensar nesta referência é que após a derrocada espanhola na América, além da questão dos estados nacionais surge a questão dos tão famigerados caudilhos que não é nosso propósito analisá-los. De qualquer forma, com a maciça chegada dos imigrantes pelo menos a nível simbólico foi mais uma vez adiada a idéia de unidade sem que houvesse representação de perigo. Ver: RIBEIRO, J. J., *O Brasil Monárquico em face das Repúblicas Americanas*, p. 161.

⁶¹ SARLO, B., *Una Modernidad Periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*, p. 18.

parte do traçado característico em inúmeras delas. Nesta direção, algumas cidades pareciam absolutamente desfiguradas, verdadeiros monstros. De acordo com Romero a explosão urbana:

*A explosão urbana modificou a fisionomia das cidades. Queixavam-se quem as desfrutou antes, aprazíveis e sossegadas, mas, sobretudo, com uma infra estrutura suficiente para o número de seus habitantes. Os invasores as desfiguraram e fizeram delas uns monstros sociais que revestiram ademais, pelos mesmos anos, os caracteres desumanos que lhe prestou o desenvolvimento técnico.*⁶²

Neste cenário a cidade de Buenos Aires é mais cosmopolita que nunca. No circuito de suas edificações recentes, parques e avenidas, a grande massa de estrangeiros passara a compor também o novo teatro da urbe babélica: são agora notados pela população nativa, pelos “argentinos autênticos”, o que evidentemente correspondia ao seu contrário: a visibilidade entre argentinos e imigrantes era mútua. A diferença residia na qualidade do olhar.

Segundo Luis Alberto Romero, havia além do impacto da visão da multidão por si, a sociedade tradicional sentia o choque da audácia dos imigrantes que rompiam, simplesmente pela presença física, a assepsia e higiene da cidade moderna. Com seus costumes e hábitos de vestuário distintos dos nativos, esses imigrantes eram percebidos desdenhosamente pelos setores da sociedade tradicional. Deste modo, aos estrangeiros que ousavam não permanecer nos seus bairros periféricos e que por força das necessidades saíam para trabalhar ao redor de Buenos Aires, eram pilheriados com os mais criativos e maldosos ápodos. Dada a verdadeira corrida em direção ao ouro, não é difícil imaginar que tais apodos estavam geralmente associados a sua origem ou a sua mísera condição social.⁶³

Na verdade, como se tratava de um período de riquezas movediças e onde as oportunidades iam sendo engendradas quase diuturnamente, a evidência incontestada de inúmeras dificuldades era que nem todos conseguiam instalar-se nesta sociedade comodamente. Não é difícil prever, entretanto, que para os imigrantes que deixaram em terra longínqua uma história e relações pessoais, portadores do sonho de fazer um país e serem recompensados por isso, fizeram com que a pressão por enriquecer tornar-se tão

⁶² ROMERO, J. L., *Latinoamérica: las ciudades y las ideas*, p. 329-330.

⁶³ *Ibid.*, p. 323.

sufocante que muito poucos se abstiveram de tentar subir esta escada deslizante. Os problemas sociais decorrentes desta situação naturalmente se avolumaram.⁶⁴

*As cidades em que agruparam ingentes migrações rurais internas e às vezes ainda maiores externas, começaram a mudar sob este impacto que desbordou as planificações fundadoras e criou todo tipo de entorpecimento às comunicações, complicadas além disso pelo funcionamento intermediador das cidades-portos em uma economia exportadora-importadora vertiginosamente aumentada. Pela primeira vez se presenciou, na curta duração de uma vida humana, à desapareição ou transmutação dos decorados físicos que a acompanhavam desde a infância.*⁶⁵

Por esta via, pode-se dizer que a Argentina ao comungar do credo do progresso e da modernização crescentes converteu o espetáculo urbano buenairense em algo que era muito mais constituído de transtornos, que se avultava de forma avassaladora resvalando o inadmissível, do que de respostas fundamentais. Com a entrada em cena dos estrangeiros, a parte dos recursos que lhes era destinada, tibia já no que se referia aos nativos, insistia em não ser suficiente no que tange às questões mais básicas: como habitação e serviços públicos emergenciais. Diante de tais perspectivas, os imigrantes convocados ao enriquecimento, a “tentar a sorte” no deserto, eram lançados para além da vociferante concorrência comum e universal, a uma outra de segundo tipo entre seus pares, àqueles que eram simplesmente estrangeiros ou estrangeiros oriundos de uma mesma localidade⁶⁶. Naturalmente, o que estava posto em tela aumentava a dificuldade de adaptação e dava incremento ao sentimento de estranhamento produzido por tais adversidades:

*Mas passaria muito tempo – ninguém podia dizer quanto – até que os imigrantes descobrissem e aceitassem que tudo o que constituía a estrutura da sociedade normalizada pertenciam também a eles. Entretanto suas atitudes estavam presididas pela certeza de que tudo era dos outros: o grifo de água, o banco do passeio, a cama do hospital, tudo era alheio e para tudo havia outro que tinha melhor direito.*⁶⁷

As inúmeras conseqüências dessa nova situação determinaram, para os habitantes da Buenos Aires moderna, o contingente como ambiência constante e

⁶⁴ ROMERO, J. L., *Latinoamérica: las ciudades y las idéias*, p. 323-324.

⁶⁵ RAMA, A., *A Cidade das Letras*, p. 96.

⁶⁶ Idéia similar expressada por Adorno em outro contexto. Ver: ADORNO, T., *Minima Moralia*, p. 26-27.

⁶⁷ ROMERO, J. L., *op.cit.*, p. 333.

inexaurível. Para esses moradores, residentes há muito ou recém chegados, o que prevalecia era o sentimento de deslocamento próprio dos que se sentem numa atmosfera em que não há mais nada que lhes fiencie a estabilidade e a serenidade de épocas pretéritas. Deste modo, a crise gerada pela metropolização acelerada da cidade portenha era ao mesmo tempo deslumbrante e desorientadora. Na verdade, há um sentimento de incoerência espiritual, uma justaposição de mentalidades que não aderem à fusão perfeita dentre da lógica da racionalidade que lhes eram propostas.⁶⁸ Como a multidão se tornou mais extensiva, o corpo político estava cada vez menos em condições de corresponder àquilo que seus membros pleiteavam. O que emerge conforme análise de Nicolau Sevchenko sobre a modernização paulistana, é uma sociedade multifacetada e alijada das condições que, se não estavam relacionadas à aspiração de uma vida confortavelmente burguesa e mais confiante, requeria uma dimensão que desse conta do esgarçamento contumaz da figura humana diante da multiplicação ciclópica das escalas do ambiente urbano.⁶⁹

Verifica-se, então, toda uma gama de ações em prol de uma radical transformação da imagem da cidade portenha. Na verdade, esses planos, mesmo que fossem numerosos e variassem de objetivos, desde o século XIX tinham por destinação a organização e controle do espaço físico da cidade. Estes se materializavam no embelezamento da capital, nas construções imponentes, na extensiva arborização e abertura de verdadeiros flancos urbanos cuja finalidade ajustava-se desde uma melhor perspectiva visual até a higiene pura e simples. Esses fatores conjugados e confundidos passaram a compor a união perfeita de ação racionalizadora pragmática e tradição higienista que urgia aparecer desde muito tempo.

Conforme vimos dizendo, o viés científico orientado para uma direção higienista fazia parte dos principais projetos para a cidade desde o século XIX. Com a solução das amplas diagonais e largas avenidas os urbanistas expandiam os corredores para a passagem livre de vento e ar frescos, sempre muito bem vindos em casos de adoção de medidas profiláticas para as cidades, ao mesmo tempo em que apresentava medidas para a movimentação e circularidade de uma população cada vez mais numerosa.⁷⁰ A circulação de pessoas e veículos, trens e as mais diversas atividades

⁶⁸ ROMERO, J. L., *La Experiencia Argentina y otros ensayos*, p. 105.

⁶⁹ SEVCENKO, N., *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*, p. 19.

⁷⁰ RADOVANOVIC, E., *Buenos Aires Ciudad Moderna: 1880-1910*, 2002.

surgiram no cenário buenairense e dá-lhes um ordenamento, e talvez mesmo um sentido, se tornou uma necessidade imperiosa.

*Quando a economia alcançou certo estágio de desenvolvimento, surgiu a questão da circulação. A estrutura urbana tornou-se um obstáculo ao desenvolvimento econômico. Na América do Sul, para acelerar a circulação de pessoas e artigos através do sistema de transporte assim como para a saúde pública, o estado interveio nestas cidades. Esta intervenção foi caracterizada pela renovação dos bairros centrais nas maiores cidades.*⁷¹

Entretanto, uma das preocupações centrais residia no trato com os imigrantes:

*A persistência do provinciano na vila se deve a fatores econômicos objetivos, mas também se deve a um intento de conservação da comunidade de origem, a um mecanismo de defesa frente a cidade e a sua diversidade de pautas e valores. Talvez também possamos interpretar o enclausuramento nas vilas misérias como uma resposta ao rechaço, as barreiras que o meio impõe. Faltam estímulos para sair da vila, e se estruturam mecanismos de defesa, por rechaço do meio.*⁷²

Neste sentido uma das dimensões que adquire enorme volume na Buenos Aires da época é a questão da loucura e seus derivados. Observando uma sociedade que põe em xeque inúmero de seus códigos espirituais, Hugo Vezzetti tem posto em relevo o papel desempenhado pelas transformações e a inquietude que elas geram.⁷³ Culminando muitas vezes numa espécie de não enquadramento das posturas adotadas pelos agentes dum ambiente insólito e de rígida moral tradicional, os imigrantes se perceberam fazendo parte de estatísticas psiquiátricas pouco animadoras.

Além do vertiginoso crescimento do número de estabelecimentos hospitalares dedicado ao ramo, Hugo Vezzetti revela que dois terços do cada vez mais numeroso contingente de internos são homens estrangeiros que possuem entre 21 e 40 anos. Na verdade, a partir das últimas décadas do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, o recrudescimento do domínio positivista passa a vigorar com força de vendaval na sociedade argentina e desenvolve-se sobretudo nos estudos profiláticos da loucura se situando na massa de imigrantes e nos problemas derivados de sua inserção na sociedade argentina:

O incremento das internações reflete, no nível de combate individual, a profundidade da crise social que afeta as condições de vida e relação de vários

⁷¹ OUTTES, J., *Disciplining Society through the City: The Genesis of city Planing in Brazil and Argentina (1894-1945)*, p. 142.

⁷² MARGULIS, M., *Migracion y marginalidad em la sociedad Argentina*, p. 85.

⁷³ VEZZETTI, H., *La locura en la Argentina – Psiquiatria, Hospícios y Enfermos de Buenos Aires*, p. 9.

*setores. A internação do discrepante – em termos sociais ou familiares – passa a ser um recurso cada vez mais difundido, ao quais as próprias autoridades dos hospícios procuravam por um limite.*⁷⁴

Desta forma, a exposição dos fatos acima descritos não deve levar a conclusão de que havia exclusão de qualquer ordem ou que apenas os estrangeiros de condições sócio-econômica mais modestas eram vítimas do processo de desorientação na urbe moderna. O fenômeno perturbador e de contradição não escolhia apenas os mais suscetíveis economicamente. Tanto no que tange a composição etária quanto no que se refere a amostragem por profissão, os números apresentados por estes estudos deixam entrever que todos poderiam fazer parte do universo dos não adaptados e engrossar as fileiras daqueles que necessitavam de ajuda médica e psiquiátrica. No caso buenairense, já a partir da virada do século temos um aumento global do número de internos e uma intensa criação de hospitais psiquiátricos (*los loqueros* como eram chamados) para dar conta a esta nova demanda.⁷⁵

Um outro fator de importância é que embora segundo Hugo Vezzetti predominasse as profissões de caráter manual como sapateiros, lavradores, cozinheiros e carpinteiros e um número significativo de comerciantes, passavam também pelos leitos hospitalares dos *loqueros* profissões de caráter mais nobres e intelectualizadas. Militares, padres, advogados e médicos, entre outros, se tornaram pacientes assíduos desses novos ambientes. O que, na verdade, deixa transparecer amplos vestígios do alcance social das novas teorias e dos experimentos psiquiátricos na sociedade em transformação.⁷⁶

Seguramente, um dos maiores vetores de explicação para a dilatada extensão social das teorias psiquiátricas é seu apelo moral. Num ambiente polifônico como a moderna cidade de Buenos Aires, aberto a inúmeras vozes e possibilidades, a profusão das taxas de internos, bem como o crescente avanço das instalações hospitalares não deixa de ser um elemento sintomático do período. Desta feita, verifica-se que a explicação sobre os desequilíbrios comportamentais transformara a loucura cidadina num sinônimo muito próximo, quase perfeito dos vícios e dos maus hábitos. De acordo com Joel Outtes a conjunção entre apelo moral e a assepsia da cidade, esta última

⁷⁴ VEZZETTI, H., *La locura en la Argentina – Psiquiatria, Hospícios y Enfermos de Buenos Aires*, p. 9.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 9-10.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 10.

muitas vezes vista como um organismo vivo, deveria apresentar resultados de um ser saudável e, sempre que possível, poder muito bem respirar.⁷⁷

Portanto, como afirma Hugo Vezzetti, não é por acaso que o alcoolismo, percebido como vício maldito, figura entre a principal causa de internação e inquéritos nos registros policiais.⁷⁸ Paralelo a estes arroubos de apelo moral, instaura-se também a ideologia de que a urbe buenairense como lugar das novas possibilidades e suntuosas construções deveria ser desfrutada com refinamento e moderação. Com a transformação da função médica numa espécie de pedagogia social ou quase de polícia, neste período passa a ser condenado todo e qualquer comportamento considerado desviante e procura-se estar atento a moderação de todos os excessos. Do mais ingênuo trago de bebida até a ambição desenfreada por dinheiro e postos avançados na estrutura social, todas essas posturas passaram a serem reconhecidos como fatores preponderantes da loucura e de atuação não enquadrada⁷⁹. Ao gerar o sentimento de estranhamento nos imigrantes, Juan Carlos Portantiero afirma sobre as conseqüências resultantes desta política:

Foram tantos os que se encontravam no país como os que passaram como os que passaram como andorinhas; e os que permaneceram não abandonariam jamais sua erradicação, senão vicariamente, através de seus filhos. Esta imigração culturalmente segregada e politicamente ausente, era a prova do fracasso de uma decisão de “povoar o deserto” que na primeira década do século se aproximava perigosamente de um problema policial⁸⁰.

Nesta direção, Buenos Aires em particular, era vista como um mosaico do ponto de vista étnico, racial e em termos de cultura. A cidade ia crescendo, parecendo adquirir dimensões quase infinitas. Segundo Mario Margulis, parecia um tanto difícil para um argentino tradicional observar outros *hermanos* egressos do interior do país, italianos, judeus e espanhóis tendo que conviver lado a lado no coração da cidade já tão transformada.⁸¹ Com uma maior densidade populacional a crise da cidade aumentou. E, em crescente medida, grande parte do problema estava no fato de que agora, com uma crença absoluta no progresso incontível, os problemas eram muito mais subestimados do que outrora, na antiga aldeia que era Buenos Aires. As vicissitudes da modernidade

⁷⁷ OUTTES, J., *Disciplining Society through the City: The Genesis of city Planing in Brazil and Argentina (1894-1945)*, p. 148.

⁷⁸ VEZZETTI, H., *La locura en la Argentina – Psiquiatria, Hospícios y Enfermos de Buenos Aires*”, p. 9.

⁷⁹ Loc.cit.

⁸⁰ PORTANTIERO, J. C., *Nación y Democracia em la Argentina del Novicientos*, p. 3.

⁸¹ MARGULIS, M., *Migracion y marginalidad en la sociedad Argentina*, p. 87.

passaram a serem tão próximas e coexistentes que os buenairenses não se apressavam em resolvê-las.⁸²

A cidade moderna oferecia um eterno hic et nunc, cujo conteúdo é a transitoriedade, mas uma transitoriedade permanente – indivíduos únicos que confluem por um momento antes de voltar a separar-se (...) Este enriquecimento da sensibilidade exigia um preço terrível: alijar-se dos consolos psicológicos da tradição, abandonar qualquer participação em um todo social integrado.⁸³

Com efeito, pode-se dizer que vertigem e torpor não são palavras demasiadamente fortes para expressar a confusão que era experimentada pelo habitante da Buenos Aires. Na verdade, podemos dizer que tal vertigem era acompanhada em conjunto pelos sentimentos de entusiasmo e fascínio, simultaneamente sentidos. O novo desenho da metrópole ao instituir o reto traçado operou uma transformação de cunho mais que físico. Enquanto a cidade de Buenos Aires possuía características rurais a própria atividade de contemplar as cercanias, de passear pela “grande aldeia”, pra se valer de um vocabulário de como era chamada a Buenos Aires de outrora, produzia resultados mais estáveis e inesitantes. É nesta direção que o grande projeto transformador afetou globalmente a cidade buenairense. De fato, ao agir sobre os velhos traços primordiais que residiam desde a fundação, aniquilou-se o que restava do tecido colonial transfigurando um dos traços principais que fornecia explicações acerca das origens do povo argentino.⁸⁴

De fato, muitos desses novos expedientes estavam conjugalmente relacionados a um outro dado do período que iremos tratar daqui por diante, assim como das suas imediatas conseqüências: este expediente está representado pelo significativo aumento da instrução formal e sua ressonância nos diversos setores da intelectualidade argentina e especificamente buenairense.

Segundo Beatriz Sarlo na metade da década de 1930 as estatísticas sobre analfabetismo em Argentina apontavam um patamar de 2,39 % para os sem instrução que nasceram na Argentina em um quadro cujo número representava 6,64 % em termos absolutos.⁸⁵ A riqueza destes dados reside naquilo que o incremento da instrução formal propiciou para o nascimento e o avançar do que seria característico no período: a gênese

⁸² MARGULIS, M., *Migracion y marginalidad en la sociedad Argentina*, p. 86.

⁸³ SCHORSKE, C., *La idea de ciudad en el pensamiento europeo: de Voltaire a Spengler*, p.15.

⁸⁴ RADOVANOVIC, E., *Buenos Aires Ciudad Moderna: 1880-1910*, p. 61.

⁸⁵ SARLO, B., *Una Modernidad Periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*, p. 18.

e a ampliação cada vez mais crescente do mercado de edição na região aliado ao também cada vez mais extensivo número de leitores em potencial.

Verdadeiramente, estas novas possibilidades de acesso ao conhecimento, ainda que acompanhadas de um nível não tão satisfatório de leitura compreensiva ou interpretativa como requeria o mercado de profissões na incipiente economia capitalista argentina, forneceu fôlego a um setor da economia cuja renovação e circularidade se tornou bastante emblemático do período. A difusão da leitura de alguns livros e jornais com alguma densidade significou a possibilidade, como diz Gutiérrez e Romero, de se estar em condições de aceder a outro instrumento de conhecimento que não fosse a mera experiência.⁸⁶ Nesta perspectiva, o deslocamento do ato de leitura de um grupo restrito da sociedade passando a setores significativamente mais amplos, representou, sem sombra de dúvida, uma maior universalidade das oportunidades.

A título de ilustração podem ser enlencados os novos periódicos muitos deles vanguardistas como “*Él Mundo*”, “*Crítica*”, e “*Martin Fierro*”. Ou mesmo o fenômeno representado pelo periódico “*Claridad*” que, ao longo dos anos, se tornou uma empresa editorial moderna, ativa, dinâmica e, naturalmente no que tange a dimensão econômica, bastante bem sucedida. Suas tiragens alcançaram os dez mil exemplares e na década de 30 já estavam nos vinte e cinco mil.⁸⁷ Um número de tiragens inegavelmente alarmante para os padrões da época:

Grandes linhas da cultura argentina se apresentam e se impõe nas revistas dos anos vinte e trinta. Algumas delas vinculadas as editoras de “livros baratos”, outras como porta vozes das rupturas estéticas ou como plataformas de consolidação dos programas renovadores. A incidência dessas publicações nas transformações culturais não pode ser medida apenas em termos de exemplares vendidos (ainda que os 14.000 que declara Martín Fierro em algum momento, incluso se se reduz a cifra em cinqüenta por cento não desprezíveis), mas de repercussões no campo intelectual que logo alargam e se chocam no espaço do público e as instituições, sem dúvida com uma temporalidade e intensidade diferentes.⁸⁸

Deste modo, é correto conjecturar que a amplitude de perspectivas mais prósperas somada ao otimismo da temporada modernizante certamente animou o circuito editorial local. As publicações eram variadas e contemplavam em suas classificações os mais diversos tipos de leitores. Necessariamente devemos incluir

⁸⁶ SARLO, B., *Una Modernidad Periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*, p. 34.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 19.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 25.

aqueles que possuíam algum poder financeiro para a aquisição deste novo bem. Beatriz Sarlo aponta a ampla divulgação de periódicos leves com artigos breves e notícias que não exigiam do leitor perguntas mais aprofundadas sobre um fato. Havia também aqueles que poderiam ser consumidos durante uma viagem de trabalho, num rápido café ou mesmo entre o intervalo das obrigações de trabalho, até as publicações e traduções mais densas que comportavam ensaios filosóficos, sobre estética, política, arte e ficção européia. Acerca disto nos diz ainda Beatriz Sarlo:

*Armam a biblioteca do aficionado pobre; respondem a um novo público que, ao mesmo tempo, estão produzindo, proporcionando-lhes uma literatura responsável do ponto de vista moral, útil por seu valor pedagógico, acessível tanto intelectual quanto economicamente. Estas editoras e revistas consolidam um circuito de leitores que, pela ação do novo periodismo, está mudando e expandindo-se: se trata de uma cultura que se democratiza desde o pólo da distribuição e o consumo.*⁸⁹

É insofismável, portanto, que as transformações que a modernidade buenairense encerrava não se relacionavam apenas a um tino físico. Com a dilatação das referências, presenciou-se uma nova espiritualidade, uma atmosfera de signos em alteração. Aventuramos, entretanto, que num dado momento tornou-se mais nítida a percepção do verdadeiro rebentar de fontes inauditas que, dada a inevitabilidade do advento, sua existência real mesma, exigia dos partícipes uma perícia nem sempre passível de ser lograda através dos meios seguros e tradicionais. Através do alargamento das representações pelo novo repertório literário sucumbe em muito o ideal de uma sociedade estática e de pouco movimento em termos sócio-culturais. Ao enriquecer o imaginário com a reinserção de novos códigos, a sociedade moderna buenairense entra em confronto direto com elementos constitutivos do corpo social antes da empreitada modernizadora. Seus partícipes são levados a pensar a remodelação dos símbolos, ícones de um passado que parece não mais responder às questões de uma cidade que caminha em direção a um futuro cada vez mais incerto e contraditório:

*A letra apareceu como a alavanca de ascensão social, da respeitabilidade pública e da incorporação aos centros de poder; mas também, em um grau que não havia sido conhecido pela história secular do continente, de uma relativa autonomia em relação a eles, sustentada pela pluralidade de centro econômicos que a sociedade burguesa em desenvolvimento gerava.*⁹⁰

⁸⁹ SARLO, B., *Una Modernidad Periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*, p. 19.

⁹⁰ RAMA, A., *A cidade das Letras*, p. 79-80.

Diante deste painel, a expansão dos meios de comunicação visando uma massa de potenciais consumidores ávidos, ainda que muitos deles atônitos e confusos pelo processo de modernização em curso, representaram um marco importante na nova sensibilidade. Essas esferas tiveram de ser repensadas sob os estímulos recebidos de fontes diversas.

Por outro lado, deve-se ter em mente o papel desempenhado pela nova indústria dos já mencionados mercado editorial local, periódicos e revistas e sua conjugação com a nascente indústria cinematográfica. Através desta aliança, os modelos de comportamento, de visão de mundo, postura e ética do passado, sofreram um duro golpe. Já que comumente se apresentavam de forma pouco dinâmica, estes modelos foram impelidos dada a torrente de novidades, a rapidamente metamorfosearem-se.

Pode-se dizer que em Argentina o fenômeno cinematográfico alcançou patamares de verdadeira loucura e status de febre nacional. Juan Sebrelí sublinha que o sentido de ilusão e entretenimento promulgado pelo recente aparato técnico fez com que sua difusão, em números e em marcha, acompanhasse passo a passo a porcentagem das regularidades de salas como o de países capitalistas centrais.⁹¹ Já segundo Beatriz Sarlo a década de 30 presenciou uma argentina com mais de mil salas de exibição das películas e que, com o surgimento do cinema sonoro, abriram-se em pouco tempo mais 600 salas para que argentino se deleitasse com a mais nova modalidade de entretenimento e distração.⁹²

De fato, não há como negar a profunda transformação do imaginário coletivo a partir da conjunção dos meios de comunicação de massa escritos e mercado editorial com a recém nascida indústria cinematográfica argentina. Assim sendo, os agentes dessas relevantes balizas culturais julgavam dar tudo ao homem em termos de cultura atualizada. Além disso, estas práticas passaram a funcionar como símbolos de uma sociedade certa em seu rumo, mas que oferecia como contrapartida, a confusão de muitas das suas convicções e valores mais caros:

Como seja, modelos de relações mais modernas são difundidos pelas revistas e pelo cinema: as mulheres sportistas, condutoras de automóveis, empregadas em trabalhos não tradicionais, se convertem em um lugar transitado do imaginário

⁹¹ Juan Sebrelí discute não apenas a difusão do cinema em Argentina, mas também a apropriação por uma classe para a produção de películas próprias. Ver: SEBRELI, J. J., *Buenos Aires, Vida Cotidiana y Alienación*, p. 95-97.

⁹² SARLO, B., *Una Modernidad Periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*, p.54.

*coletivo, ainda que se recortem contra as persistentes imagens da menina do bairro cujo horizonte se reduz ao casamento e a criança.*⁹³

Destroçados, os grilhões que acorrentavam a eclosão e o desvelar dos novos rumos tornaram-se, todavia, objetos das mais encarnadas discussões e material fecundo para inspiração de artistas de diversas latitudes. Com o alvoroço cinematográfico e um mercado de edição em crescimento pode-se imaginar as profundas alterações sofridas em termos de comportamentos e latitudes culturais. O habitante da Buenos Aires de baixos índices de analfabetismo encontrava-se com aquele que queria se divertir e ter acesso a novos modelos de conduta cuja possibilidade concretização teria de ser disputadas nas filas das salas de cinema da capital argentina. Isso certamente já compõe um novo cenário. É deste modo talvez, que a cidade dá um dos passos mais largos em direção a transformação dos novos hábitos no que tange a cultura. Com a modernização crescente do centro urbano, a torrente de aparatos técnicos ensejou faculdades até então despercebidas e que latejavam por aparecer.

Neste sentido, tanto a cidade mesma quanto as metamorfoses espiritualmente experimentadas franqueou um leque de intervenções para artistas e intelectuais de diferentes campos de atuação. Na verdade, tornou-se fascinante debater sobre a cidade e seus problemas de densidade demográfica, as possíveis atividades e seu futuro. Seguramente, parecia importar pouco que esse futuro se apresentasse na visão dos interventores num verniz radiante ou sombrio: o movimento de expansão da cidade de Buenos Aires exigia compulsoriamente recomposição de sensibilidades. Igualmente fascinante foi poder prestar atenção, sempre que possível, nos novos símbolos em profusão, autênticas cascatas de signos em movimento e poder pintá-los, redesenhá-los segundo impulsos e percepções de um imaginário constantemente enriquecido pelo mosaico humano que dia após dia adentrava a cidade de Buenos Aires, genuína Babel ao sul do continente.

Isto posto, tendo havido desenvolvimentos extraordinários realizados pelas ações estatais e pelas corporações, as situações dos estrangeiros tiveram de ser pensadas diante deste novo marco, constituído pelo inchaço do perímetro urbano da cidade de Buenos Aires. A cidade e seus arredores recebem nestas décadas a imigração massiva de milhões de pessoas que agora passam a fazer parte desta nova cultura urbana. Neste sentido, a fisionomia da cidade passa a ser resultado da fusão de múltiplas ondas

⁹³ SARLO, B., *Una Modernidad Periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*, p. 22.

imigratórias que confluíram para a cidade num lapso de tempo bastante reduzido cuja densidade cultural era cada vez menos nítida.⁹⁴

Com efeito, esses imigrantes contribuíram para a nebulosidade, sombra, atmosfera saturna e movimento frenético com que a cidade havia sido envolvida. A elite argentina em ascensão, cada vez mais ciosa dos seus méritos, passou a perceber que precisava estar cada vez mais atenta aos matizes sempre mais sutis da turba que invadia a cidade. A imigração fomentada pelo estado significou o surgimento de inúmeras pessoas – difíceis de classificar- ou como diz Richard Sennett, materialmente semelhantes, mas ignorantes de suas semelhanças pelo afrouxamento das posições sociais tradicionais.⁹⁵

De todo reembaralhamento da urbe babélica, da nova densidade populacional absolutamente imprevisível nos mais acurados prognósticos, resultou que agora existia um lugar para a confluência exponenciada desse verdadeiro batalhão de pessoas: o centro de Buenos Aires. À multidão de argentinos que tentava proteger sua personalidade do impacto brusco que se deu nas normas e pautas de relações, somava-se então, aos imigrantes, severamente condenados como vagabundos, anti-higiênicos e outras qualificações moralmente apelativas. Esta profusão de pessoas foram se comprimindo ao centro e conformando um fenômeno social vivo, complexo e de considerável alcance cultural.⁹⁶

A cidade ao se transformar em urbe moderna, babélica por excelência, já que do nosso ponto de vista a confusão engendradas na cidade portenha se assemelhava bastante ao mito bíblico no que se refere a incompreensibilidade, oferta a artistas, pintores, arquitetos, escultores e literatos um amplo repertório de temas e imagens que, de outro modo, certamente não teria a voltagem típica dos lugares em descoberta permanente. Esta é a particularidade de inúmeros deles: Xul Solar, Robert Arlt, Oliverio Girondo e Jorge Luis Borges. E é sobre este último que, do nosso ponto de vista, se dá a radicalidade das intervenções de vanguarda, bem como um importante papel de reflexão sobre o passado e o futuro da cidade, lugar que figurou entre os temas sempre presentes em sua rica e vasta obra.

Ao se deparar com uma Argentina cujo panorama é permeado de mudanças que o impactaram radicalmente, Jorge Luis Borges em 1921, aos 21 anos regressa a Buenos

⁹⁴ MARGULIS, M., *Migracion y marginalidad en la sociedad Argentina*, p. 22-28.

⁹⁵ SENNETT, R., *O Declínio do Homem Público: As tiranias da Intimidade*, p. 69.

⁹⁶ MARGULIS, M., op.cit., p. 90.

Aires após uma estação de sete anos em solo Europeu, primeiramente em Genebra, solo Suíço em que o escritor completou sua formação escolar e depois na capital de Espanha, Madrid, onde trava contatos com artistas vanguardistas. Ao regressar a cidade de Buenos Aires da qual partiu com 14 anos se vê diante de um país e uma cidade profundamente alterados em vários de seus elementos: um vertiginoso aumento populacional, imigração maciça, uma inegável transformação dos meios de transportes e transmutação física e na atmosfera de seu local de nascimento. Na verdade, trata-se das transformações que estamos vendo desde o início desta dissertação.

Como se depreende do seu impacto, Jorge Luis Borges volta a Argentina, em consonância com os ventos da modernidade buenairense, ecoando sua voz no meio literário e passa a explorar bem ao gosto dos vanguardistas do início do século XX, a vontade de renovação do panorama literário argentino ainda fortemente marcado por persistentes manifestações de arcaísmos no que tange a estética e seus nocivos correlatos para o sistema literário local.⁹⁷ Por outro lado, o escritor perplexo com as mudanças operadas na capital argentina tematiza com afinco e sentimento de pesar um dos termos que sempre revisitaria sua obra: a cidade de Buenos Aires.

É de se sublinhar, entretanto, como no caso da intervenção de Jorge Luis Borges, que se trata de uma época marcada por rupturas em série, pela supressão de dogmas seculares e que fornecia também aos seus interventores as mais dolorosas contradições e entusiasmo latente. Num cenário de significativas ausências de referências confiáveis, de limites mais precisos que pontuassem a construção íntima dos indivíduos, estar em Buenos Aires era fazer parte de circunstâncias em que a passagem da mais dolorosa tristeza até o estado de mais radiante euforia e vice e versa poderia se manifestar de forma espontânea e imediata, quase imperceptível. Com isto e muito além da particularidade de relações pontuais, esse poderoso conjunto de imagens alcança sua concretude no cotidiano dos habitantes da cidade modernizada, densamente irrealizada pelo escritor.

E, neste sentido, a especificidade da postura borgeana é que apenas o mais inflamado sentimento de apego à cidade de Buenos Aires, o mais impetuoso “*Fervor*” por ela e que, como afirma analogamente Raymond Willians⁹⁸, ao mesmo tempo a mais

⁹⁷ ALAZRAKI, J., *La prosa narrativa de Jorge Luis Borges*, p. 123.

⁹⁸ WILLIAMS, R., *Tragédia moderna*, p. 152.

aguda percepção de beleza, poderia produzir de forma avessa, um sentimento de horror tão extremo com a contrapartida da alegria do momento imediatamente anterior.

O escritor Jorge Luis Borges percebeu que é pois, neste homem moderno, em que convergem as disposições de fincar pé no infinito, no ondulante, naquilo que se lhe apresenta como escorregadio e fugaz, sem que lhe seja afastada a perspectiva de fazê-lo com algum sentimento de certeza e esperança num futuro mais palpáveis. E é nesta direção que a escrita borgeana se revela como uma valiosa reflexão dos tempos em que as coisas visíveis não parecem ser o que realmente são.